

365 dias

BLANKA LIPÍŃSKA

BÜZZ

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Agradecimentos
Créditos

Capítulo 1

“Massimo, você sabe o que isso significa?”

Virei a cabeça para a janela, olhando para o céu sem nuvens, e depois para o meu interlocutor.

“Vou assumir a empresa, quer a família Manente goste disso ou não.”

Fiquei de pé, e Mario e Domenico se levantaram de suas cadeiras, sem pressa, e ficaram atrás de mim. Foi uma boa reunião, mas definitivamente muito longa. Apertei a mão dos homens presentes na sala e me dirigi rapidamente para a porta.

“Veja bem, Mario, isso vai ser bom para todo mundo.”

Levantei meu dedo indicador.

“Você ainda vai me agradecer por isso.”

Tirei o paletó e desabotoei o primeiro botão da minha camisa preta. Sentei-me no banco de trás do carro, desfrutando o silêncio e o friozinho do ar--condicionado.

“Para casa”, resmunguei baixo e comecei a ver as mensagens no celular.

A maioria era de negócios, mas entre elas encontrei também um SMS de Anna: “Estou molhadinha, preciso de um

castigo”. Meu pau cresceu em minha calça, dei um suspiro, ajeitei-o e o apertei com força. Ah, sim, minha namorada tinha adivinhado bem qual era o meu estado de espírito. Sabia que aquela reunião não seria nada agradável e que não me deixaria tranquilo. Sabia também o que poderia me relaxar. “Esteja preparada lá às oito”, respondi em poucas palavras, e depois me acomodei no banco olhando pela janela do carro e vendo o mundo passar. Fechei os olhos.

E *ela* apareceu de novo. Meu pau, em um segundo, ficou duro como aço. Meu Deus, vou pirar se *ela* não aparecer na minha vida. Já tinham se passado cinco anos desde o acidente; cinco longos anos desde – como dissera o médico – o milagre: a morte e a ressurreição, durante o qual sonhei com uma mulher que nunca tinha visto na vida real. Eu a conheci nas minhas visões, quando estava em coma. O perfume do seu cabelo, a delicadeza da pele – eu quase podia senti-la me tocando. Toda vez que fazia amor com Anna ou com qualquer outra mulher, na verdade, eu fazia amor com ela. Eu a chamava de minha Senhora. Era minha maldição, minha loucura e, provavelmente, minha salvação.

O carro parou. Peguei o paletó e saí. Domenico, Mario e os caras que eu tinha levado comigo já estavam esperando no pátio do aeroporto. Talvez tenha exagerado, mas, às vezes, é necessário dar uma amostra de poder para ludibriar o oponente.

Cumprimentei o piloto e me sentei na poltrona macia. A comissária de bordo me trouxe uísque com uma pedra de gelo. Dei uma olhada nela; ela sabia do que eu gostava. Lancei um olhar vazio e ela corou e sorriu ligeiramente. *E por que não?*, pensei e, resolutamente, me levantei.

Peguei a mulher surpresa pela mão e puxei-a para a parte privada do jatinho.

“Pode decolar!”, gritei para o piloto e fechei a porta, desaparecendo atrás dela com a garota.

Dentro do cômodo, eu a peguei pelo pescoço e, com um movimento decidido, virei-a para mim, pressionando-a contra a parede. Eu a olhei nos olhos e vi que estava apavorada. Aproximei minha boca da sua, prendi seu lábio inferior nos meus e ela gemeu. Seus braços pendiam soltos ao lado do corpo e ela mantinha o olhar fixo nos meus olhos. Peguei-a pelos cabelos para que inclinasse mais a cabeça. Ela fechou as pálpebras e novamente soltou um gemido. Era linda, muito feminina, toda a minha equipe tinha que ser assim: eu gosto de tudo o que é bonito.

“Ajoelhe-se”, grunhi, empurrando-a para baixo.

Sem hesitar ela fez o que pedi. Murmurei um elogio por ter se submetido da forma adequada e passei o polegar por sua boca, que ela obedientemente entreabriu. Nunca havia feito nada com ela antes, e mesmo assim a comissária sabia o que devia fazer. Encostei sua cabeça na parede e comecei a abrir o zíper. A comissária engoliu em seco, fazendo muito barulho, e seus grandes olhos estavam o tempo todo fixados em mim.

“Feche os olhos”, falei calmamente, passando o polegar por suas pálpebras. “Você só vai abrir quando eu permitir.”

Meu pau pulou da calça, duro e quase dolorido pela ereção. Eu o encostei nos lábios da mulher e ela, gentilmente, abriu bem a boca. *Você não sabe o que a espera*, pensei, e enfiei meu pau até o fim, segurando a cabeça dela, de modo que não tivesse possibilidade de se mover. Senti que ela sufocava e fui

ainda mais fundo. Ah, como eu gostava quando elas abriam os olhos aterrorizadas, quando pensavam que eu realmente iria as estrangular. Devagar me afastei e acariciei sua bochecha com certa ternura e suavidade. Vi que ela tinha se acalmado e que lambia os lábios, tirando a grossa saliva que viera da garganta.

“Vou te foder na boca.” A mulher estremeceu. “Posso?”

Eu não sentia nenhuma emoção, não sorria. A comissária me olhou por um momento com olhos arregalados e, depois de alguns segundos, fez que sim com a cabeça.

“Obrigado”, sussurrei, passando as mãos pelo seu rosto. Recostei a mulher contra a parede e pela segunda vez passei por cima de sua língua e fui até a garganta. Ela apertou os lábios contra mim. Que delícia! Comecei a mover o quadril e a meter com força dentro dela. Senti que ela não podia respirar. Depois de algum tempo, ela começou a lutar e, então, eu a segurei com mais vigor. Delícia! Ela enterrou as unhas nas minhas pernas. Primeiro tentou me afastar e depois me machucar, arranhando. Eu gostava daquilo, gostava quando elas lutavam, quando ficavam impotentes diante da minha força. Fechei os olhos e vi a minha Senhora. Ela estava ajoelhada na minha frente e seus olhos quase negros me atravessavam completamente. Minha Senhora gostava quando eu a pegava assim. Eu agarrei seus cabelos com mais força ainda e havia desejo em seus olhos. Não consegui mais me segurar. Dei mais duas estocadas fortes e parei, e gozei, sufocando ainda mais a comissária. Abri os olhos e vi sua maquiagem borrada. Me afastei um pouco para dar-lhe espaço.

“Engula”, resmunguei, puxando-a pelos cabelos mais uma vez.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas, obedientemente, ela fez o que falei que era para ser feito. Tirei o pau da sua boca e ela caiu sobre os calcanhares, deslizando pela parede.

“Agora venha lamber.” Ela ficou paralisada. “Tudinho.”

Apoiei as duas mãos na parede à minha frente e olhei para ela com fúria. Ela se levantou de novo e segurou meu pau duro com sua mão pequenina. Começou a lamber o que ainda havia de porra. Sorri de leve ao ver que ela se esforçava. Quando percebi que tinha terminado, afastei-me e fechei o zíper.

“Obrigado.” Dei-lhe a mão, e ela, com as pernas tremendo ligeiramente, ficou de pé perto de mim. “O banheiro fica ali.” Apontei-lhe a direção, apesar de ela conhecer aquele jato como a palma da mão. Ela fez que sim com a cabeça e foi em direção à porta.

Voltei para os meus acompanhantes e de novo me sentei na poltrona. Bebi um gole da bebida excelente, mas que já tinha perdido um pouco da temperatura ideal. Mario largou o jornal e olhou para mim.

“No tempo do seu pai, eles teriam metralhado todos nós.”

Suspirei, virei os olhos e bati, irritado, com o copo no tampo da mesa.

“No tempo do meu pai, iríamos negociar ilegalmente com bebidas alcoólicas e drogas, e não dirigiríamos as maiores empresas da Europa.” Encostei-me na poltrona e dirigi um olhar furioso para o meu *consigliere*. “Eu sou o cabeça da família Toriccelli e isso não é por acaso, foi uma decisão bem

pensada do meu pai. Desde a infância, fui preparado para isso, para que a família entrasse em uma nova era quando eu assumisse o poder”, suspirei e relaxei um pouco, e então a comissária passou por nós furtivamente. “Mario, eu sei que você gostava de sair atirando por aí.” O velhote, que era o meu conselheiro, sorriu de leve.

“Logo, logo vamos atirar de novo.” Olhei sério para ele.

“Domenico”, agora me voltei para meu irmão, que me fitou rapidamente, “quero que o seu pessoal comece logo a procurar por aquele puto do Alfredo”. Olhei outra vez para Mario. “Você quer tiroteios? Está bem, acho que esse você não vai deixar passar.”

Bebi mais um gole.

O sol estava se pondo na Sicília quando, finalmente, aterrissamos no aeroporto de Catânia. Vesti o paletó e nos apressamos em direção à saída do terminal. Tirei os óculos escuros e senti o golpe de ar quente. Dei uma olhada no Etna – naquele dia dava para ver o vulcão em toda a sua glória. *Esses turistazinhos de merda vão morrer de alegria*, pensei e entrei no edifício climatizado.

“O pessoal de Aruba quer fazer uma reunião sobre o que conversamos antes”, começou Domenico, andando a meu lado. “Temos que cuidar também dos clubes de Palermo.”

Escutei-o com atenção, fazendo uma lista mental dos assuntos que deveria resolver ainda naquele dia. De repente, embora tivesse os olhos abertos, minha visão escureceu. E então eu a vi. Pisquei os olhos nervosamente algumas vezes; antes eu só via a minha Senhora quando eu queria. Abri bem os olhos e ela desapareceu. Será que o meu estado havia

piorado e as alucinações tinham se intensificado? Tenho que marcar uma consulta com aquele médico cretino para que ele peça uns exames. Mas isso é para depois. Agora está na hora de resolver o problema do contêiner de cocaína que, para mim, morreu. Se bem que “morreu” não é bem o termo mais apropriado nessa situação. Já tínhamos chegado ao carro quando eu a vi de novo. Porra! Não era possível. Sentei-me no carro estacionado. Domenico estava abrindo as portas traseiras dos outros carros e eu quase o puxei para dentro.

“É ela”, sussurrei com um aperto na garganta, apontando para as costas da garota que ia pela calçada se afastando de nós. “É ela, a garota.”

Minha cabeça zumbia, eu não conseguia acreditar. Será que era apenas a minha imaginação? Eu estava perdendo os sentidos. A partida foi dada nos carros.

“Vá devagar”, disse meu irmão, quando nos aproximamos da mulher. “Cacete!”, murmurou quando nos emparelhamos com ela.

Meu coração parou por um segundo. A garota me olhava diretamente nos olhos, sem ver nada através do vidro quase negro. Seus olhos, seu nariz, a boca, ela era toda exatamente como aquela que eu tinha imaginado.

Segurei a maçaneta, mas meu irmão me impediu. Um homem grande e calvo chamou minha Senhora e ela foi em sua direção.

“Agora não, Massimo.”

Fiquei sentado como se estivesse paralisado. Ela estava lá, vivia, existia. Eu poderia tê-la, tocá-la, tomá-la e viver para sempre com ela.

“Que merda você está fazendo?!”, gritei.

“Ela está com outras pessoas, não sabemos quem são.”

A velocidade do carro aumentou e eu ainda não conseguia parar de olhar para a silhueta da minha Senhora, que desaparecia.

“Já vou mandar gente atrás dela. Antes mesmo de chegarmos em casa, você já vai saber quem ela é.” Ele elevou a voz quando não reagi. “Massimo! Você esperou tantos anos, então pode esperar mais algumas horas.”

Olhei para ele com tanta fúria e ódio que parecia que poderia matá-lo a qualquer momento. O tantinho de pensamentos sensatos que ainda me restava me convenceu de que ele tinha razão, mas o restante, decididamente em maior quantidade, não queria que eu o escutasse.

“Você tem uma hora”, resmunguei, com o olhar inexpressivo fixo nos bancos à minha frente. “Você tem sessenta minutos para me dizer quem ela é.”

Estacionamos na entrada dos carros e, quando descemos do automóvel, o pessoal do Domenico lhe entregou um envelope. Ele o deu para mim e eu, sem dizer nada, fui em direção à biblioteca. Queria ficar sozinho, para poder acreditar que tudo era verdade.

Sentei-me atrás da escrivaninha e lentamente rasguei a parte de cima do envelope com as mãos trêmulas, despejando seu conteúdo no tampo da mesa.

“Caralho!”, pus as mãos na cabeça quando as fotos – não imagens pintadas por artistas, mas fotografias – mostraram o rosto da minha Senhora. Ela tinha nome, sobrenome, um passado e um futuro que ela nem imaginava. Escutei baterem à

porta. “Agora não!”, gritei, sem tirar os olhos das fotos e anotações. “Laura Biel”, sussurrei, tocando seu rosto no papel lustroso.

Depois de meia hora analisando tudo o que havia recebido, sentei-me na poltrona e comecei a fitar a parede.

“Posso entrar?”, perguntou Domenico, colocando a cabeça pela porta entreaberta. Como não reagi, ele entrou e se sentou à minha frente.

“E agora?”

“Vamos trazê-la para cá”, respondi de maneira indiferente, olhando para o irmão mais novo. Ele estava sentado e balançava a cabeça.

“Mas como você pretende fazer isso?” Olhou para mim como se olhasse para um idiota, o que me deixou um pouco irritado. “Por que não vai até o hotel e conta para ela que, quando você morreu, teve uma visão, e nessa visão...”, ele olhou para a anotação que estava à minha frente.

E você estava nessa visão, Laura Biel, e agora você vai ser minha, completei em meus pensamentos.

“Eu vou sequestrá-la”, decidi sem hesitar. “Mande o pessoal para a casa daquele...”, fiz uma pausa, procurando o nome do namorado dela nas anotações, “Martin. Quero informações sobre quem ele é”.

“Não seria melhor pedir ao Karl? Ele está na cidade”, sugeriu Domenico.

“Está bem, pode deixar que o pessoal do Karl vai vasculhar tudo o que der. Preciso dar um jeito de ela estar aqui o mais rápido possível.”

“Você não precisa dar um jeito.” Olhei para a porta, de onde vinha uma voz feminina. Domenico também se voltou.

“Aqui estou.” Anna veio sorridente em nossa direção. Suas pernas longas em sapatos de salto agulha altíssimos chegavam até o céu.

Putá que pariu!, xinguei em pensamento. Tinha me esquecido completamente dela.

“Bom, vou deixar vocês dois sozinhos.” Domenico se levantou com um sorriso idiota e foi para a saída. “Vou cuidar do assunto sobre o qual estávamos conversando e amanhã vamos resolver tudo”, acrescentou.

A loura se aproximou de mim. Colocou sua perna delicadamente entre os meus joelhos. Seu cheiro era incrível, como sempre, uma mistura de sexo e poder. Ela suspendeu o vestido de festa de seda preta curtinho e montou em mim, enfiando a língua na minha boca sem aviso.

“Me bate”, pediu ela, mordendo meu lábio e esfregando a boceta na braguilha da calça do meu terno. “Bata com força!”

Lambia e mordia a minha orelha, e eu olhava para as fotografias espalhadas pela escrivaninha. Puxei a gravata que tinha afrouxado antes e me levantei, fazendo com que deslizasse rumo ao chão. Eu a virei e amarrei a gravata tapando seus olhos. Ela sorriu, lambendo o lábio inferior. Apalpou a mesa com a mão. Abriu bem as pernas e colocou-se sobre o tampo de carvalho, empinando bem a bunda. Estava sem calcinha. Me aproximei dela por trás e dei-lhe um tapa forte. Ela gritou alto e abriu bem a boca. A visão das fotos espalhadas na mesa e o fato de a minha Senhora estar na ilha fizeram com que meu pau ficasse duro como uma pedra.

“Isso, assim!”, rosnei, esfregando sua boceta molhada sem tirar os olhos das fotos de Laura. Eu a levantei pelo pescoço e afastei para o lado todos os papéis que o seu corpo cobria e coloquei-a de novo sobre a escrivaninha, pondo seus braços para o alto, acima da cabeça. Arrumei as fotografias de tal forma que elas olhassem para mim. O que eu mais desejava naquele momento era possuir a mulher das fotos.

Eu estava prestes a gozar a qualquer momento. Tirei rapidamente a calça. Enfiei dois dedos em Anna e ela gemeu se remexendo debaixo de mim. Era apertadinha e estava molhada e extremamente quente. Comecei a massagear em volta do seu clitóris e ela se agarrou ainda com mais força à escrivaninha sobre a qual estava. Peguei-a com a mão esquerda pela nuca e com a direita lhe dei um tapa, sentindo um alívio inexplicável. De novo olhei para a foto e bati nela com mais força ainda. Minha namorada gritava e eu batia nela como se aquilo fizesse com que ela se transformasse em Laura. A bunda dela estava quase roxa. Me inclinei e comecei a lambê-la, estava quente e pulsava. Afastei suas nádegas e comecei a passar a língua por seu delicioso grelinho, mas diante dos olhos eu tinha a minha Senhora.

“Isso, isso”, gemia ela baixinho.

Eu preciso ter a Laura, preciso tê-la por completo, pensei, levantando-me e metendo na Anna. Ela arqueou as costas e, depois de um momento, caiu sobre a madeira, toda molhada de suor. Fodi Anna com ímpeto, sempre olhando para Laura. *Já não vai demorar*, pensei. *Daqui a pouco esses olhos negros estarão olhando para os meus enquanto ela estiver ajoelhada diante de mim*. Então gritei: “Sua cadela!”. Rangi os dentes, sentindo que o corpo de Anna se enrijecia.

Com energia e insistência, eu fodia ela, sem prestar atenção que ela estava sendo tomada por um orgasmo. Eu não me importava com isso. Os olhos de Laura faziam com que eu sentisse que ainda não era o bastante, mas, ao mesmo tempo, não conseguia mais me segurar. Eu queria sentir mais, mais forte. Tirei o meu pau de dentro de Anna e com um movimento certo eu o enfiei no seu cu estreitinho. Da sua garganta saiu um som estranho de dor e de prazer, e eu a sentia toda apertada ao redor de mim. Meu pau explodiu, e tudo o que eu tinha diante de meus olhos era a minha Senhora.

Oito horas antes

O som do despertador literalmente invadiu meu cérebro.

“Levante, amor, já são nove horas. Daqui a uma hora temos de estar no aeroporto para que nossas férias sicilianas comecem à tarde. Anda, anda!”

Martin estava na porta do quarto com um largo sorriso.

Abri os olhos de má vontade. *Afinal de contas, ainda estamos no meio da madrugada. Que ideia absurda voar a essa hora*, pensei. Desde que tinha deixado o trabalho havia algumas semanas, perdi completamente a noção do tempo. Ia dormir tarde demais, acordava tarde demais, e o pior é que não tinha de fazer nada e podia fazer de tudo. Fiquei presa à indústria hoteleira por muito tempo e, quando finalmente consegui o cobiçado cargo de diretora de vendas, desisti de tudo porque tinha perdido a paixão pelo trabalho. Nunca pensei que, aos 29 anos, diria que já estava esgotada, mas foi justamente o que aconteceu.

A hotelaria me dava satisfação e realização, permitia que o meu ego exuberante se desenvolvesse. Sempre que negociava grandes contratos, sentia a emoção da excitação, e quando negociava com pessoas mais experientes e proficientes na arte da manipulação, ficava louca de felicidade, especialmente quando eu ganhava. Cada vitória nas batalhas financeiras me dava uma sensação de superioridade e satisfazia esse meu lado vaidoso. Alguém poderia dizer que isso é tolice, mas, para uma garota de uma cidade pequena, que não terminou a faculdade, provar a todos à sua volta o quanto ela valia era uma prioridade.

“Laura, você quer chocolate ou chá com leite?”

“Martin, por favor! Ainda é madrugada!” Eu me virei para o outro lado e cobri a cabeça com o travesseiro.

O sol claro de agosto entrava no quarto. Martin não gostava de escuridão. Por isso, não havia cortinas blecaute nas janelas do quarto. Ele dizia que a escuridão o deixava depressivo, que só era mais fácil de suportar que o café da Starbucks. As janelas davam para o leste e, só de maldade, o sol atrapalhava meu sono toda manhã.

“Fiz chocolate gelado e chá com leite.” Martin, todo satisfeito consigo mesmo, estava na porta com um copo da bebida gelada e uma caneca de chá quente. “Lá fora está uns 38 graus, então achei que você escolheria a bebida gelada”, disse e me deu o copo, levantando o edredom.

Irritada, saí da minha toca. Sabia que não tinha jeito. Martin estava sorrindo; ele tinha isso, de estar sempre todo cheio de energia pela manhã. Era um homem grande e careca, daqueles que na minha cidade são chamados de “bombados”.

Mas, exceto a aparência física, nada o ligava a esse tipo de cara. Era o melhor homem que já tinha conhecido na vida, dirigia sua própria empresa e, toda vez que ganhava um bom dinheiro, transferia uma quantia avantajada para um hospital infantil dizendo: “Deus me deu, então vou compartilhar”.

Tinha olhos azuis, bondosos e cheios de afetuosidade, um nariz grande, que uma vez ele quebrou – pois é, nem sempre foi sábio e educado –, lábios cheios, que era o que eu mais adorava nele, e um sorriso encantador, que conseguia me desarmar num segundo quando eu ficava furiosa.

Seus antebraços enormes estavam adornados com tatuagens. Basicamente, todo o seu corpo era tatuado, com exceção das pernas. Era musculoso, um homem de mais de cem quilos, perto de quem eu sempre me sentia protegida. Perto de Martin, eu parecia incrivelmente pequena – eu, com o meu 1,65 m de altura e 50 quilos. Durante toda a minha vida, minha mãe me obrigou a praticar esportes, então eu fazia o que aparecia pela frente, mas, como eu era um fogo de palha, pratiquei de tudo: desde caminhadas até caratê. Graças a isso, meu corpo, ao contrário do corpo do meu homem, era bastante esguio, minha barriga era dura e reta, com pernas musculosas, nádegas bem tensas e empinadas, resultado dos milhares de agachamentos que eu fiz.

“Já vou me levantar”, falei, bebendo o delicioso chocolate gelado de uma só vez.

Pus de lado o copo e corri para o banheiro. Quando estava em frente ao espelho, me dei conta de que eu precisava muito de férias. Meus olhos quase negros estavam tristes e resignados – a falta de atividade causava apatia. Meus cabelos castanho-avermelhados escorriam pela minha face magra e

caíam nos ombros. No meu caso, o comprimento dos cabelos tinha sido uma grande vitória, porque, normalmente, não teriam ultrapassado os quinze centímetros. Em circunstâncias normais, eu me consideraria uma verdadeira “gata”, mas não agora. Me senti muito deprimida com o meu próprio comportamento, a minha relutância em trabalhar, a minha falta de ideia do que fazer a seguir. Minha vida profissional sempre teve influência sobre meu senso de valor. Sem um cartão de visitas na carteira e sem um telefone comercial, eu tinha a impressão de que não existia.

Escovei os dentes, preendi os cabelos com presilhas, passei rímel e decidi que isso era tudo o que poderia fazer naquele dia. De qualquer forma, era o suficiente, porque havia algum tempo que, por preguiça, fiz maquiagem definitiva nas sobrancelhas, nos olhos e lábios, o que me dava o máximo de tempo para dormir, reduzindo o tempo das minhas visitas matinais ao banheiro ao mínimo.

Fui até o armário buscar as roupas que tinha separado no dia anterior. Independentemente do meu humor e das questões que estavam além do meu controle, eu tinha de estar vestida o mais perfeitamente possível. Com a roupa certa, me sentia melhor no mesmo instante e isso parecia ser visível para todos.

Minha mãe vivia me dizendo que uma mulher, mesmo quando está sofrendo, deve estar linda, e como o meu rosto não estava tão atraente como de costume, era necessário desviar a atenção dele. Para a viagem, escolhi um shortinho jeans claro, uma camiseta branca larguinha e, mesmo fazendo trinta graus lá fora às nove da manhã, um blazer de algodão leve, cinza mesclado. Sempre congelo no avião e, mesmo que

antes estivesse praticamente cozinhando, pelo menos me sentiria confortável no ar, tanto quanto alguém que tem pânico de voar possa se sentir confortável num voo. Calcei meus tênis da grife Isabel Marant modelo coturno nas cores cinza e branca e estava pronta.

Entrei na sala com cozinha americana. O interior era moderno, frio e *clean*. A parede era forrada com vidro escuro, o bar era iluminado com leds e, em vez de uma mesa, como nas casas normais, havia apenas uma bancada e dois bancos de couro. O enorme e cinzento sofá em L no meio da sala sugeria que o dono não era do tipo pequeno. O quarto era separado da sala por um grande aquário. Procurar naquele espaço o toque de uma mulher era algo em vão. Era perfeito para um eterno solteirão, o que era o dono e senhor daquela casa.

Martin, como sempre, estava sentado com o nariz no computador. Não importava o que estivesse fazendo, trabalhando, recebendo alguém ou vendo um filme na televisão, seu computador, assim como um melhor amigo, era sempre parte integrante da sua existência. Isso me levava à loucura, mas, infelizmente, tinha sido assim desde o começo, então eu não tinha o direito de fazer mudanças. Havia pouco mais de um ano que eu me encontrava em sua vida graças a esse equipamento, logo, seria hipocrisia se eu quisesse, de repente, obrigá-lo a desistir dele.

Era fevereiro, e eu – pasmem! – estava há mais de seis meses sem me relacionar com alguém. Já estava entediada – ou talvez o que mais me afetasse fosse a solidão – e resolvi, então, criar um perfil num site de relacionamentos, o que me dava muita alegria e, sem dúvidas, aumentava a minha já elevada autoestima. Durante uma daquelas noite insones, fuçando os

perfis de centenas de homens, deparei-me com Martin, que procurava outra mulher para preencher de uma vez por todas o seu mundo. Isso me surpreendeu, e aí, a menina pequenina domesticou o monstro tatuado. Nosso relacionamento era incomum, pois nós dois tínhamos uma personalidade muito forte e explosiva, ambos dispúnhamos de inteligência e de grande conhecimento nas nossas áreas de atuação profissional. Isso igualmente nos atraía, intrigava e impressionava. As únicas coisas que faltavam na relação eram aquele desejo, atração e paixão animais, que nunca explodiram entre nós. Como Martin enfatizou uma vez eufemisticamente, ele “já tinha trepado até não poder mais na vida”. Eu, por outro lado, era um vulcão fervente de energia sexual, cuja liberação eu encontrava na masturbação quase diária. Mas, para mim, estava tudo bem, eu me sentia segura e tranquila, e isso tinha mais valor para mim do que o sexo. Ou, pelo menos, era assim que eu pensava.

“Amor, já estou pronta. Só preciso de um milagre para fechar a mala, e podemos ir.”

Martin, com um sorriso, se levantou, pôs o computador na bolsa e foi rapidamente em direção à minha bagagem.

“Vou dar um jeito nisso, amor”, disse ele comprimindo a mala, na qual eu poderia caber tranquilamente. “Toda vez é a mesma coisa: excesso de bagagem, trinta pares de sapatos e uma bagagem irracional, metade do guarda-roupa, sendo que depois você só vai usar uns 10% do que está levando.”

Me inclinei e cruzei as mãos no peito.

“Mas aí vou ter o que escolher!”, lembrei-lhe, colocando os óculos.

No aeroporto, como sempre, eu sentia uma excitação doentia, ou melhor, um medo, já que, por causa da minha claustrofobia, não suportava voar. Além disso, eu tinha herdado o pessimismo da minha mãe, então, sentia a morte me espreitando em todos os lugares, e aquela lata voadora com motores nunca me transmitiu confiança.

No iluminado saguão do terminal de partidas, os amigos de Martin, que escolheram o mesmo destino de nossas férias, já estavam esperando por nós. Karolina e Michał estavam juntos havia muitos anos. Tinham pensado em se casar no papel, mas isso ficou só no pensamento. Ele era do tipo mulherengo que vem de conversinha-fiada, cabelos cortados bem curtos, bronzeado, um tipo bem bonitão de olhos azuis e cabelos louro-claros. Só se interessava pelos peitos das mulheres, o que não escondia de ninguém. Karolina, por sua vez, era alta, uma morena de pernas longas e traços femininos delicados. À primeira vista, não tinha nada de especial, mas, quando prestávamos mais atenção, víamos que era muito interessante. Ela realmente ignorava os ímpetos machistas de Michał. Eu me perguntava como conseguia. Eu, com a minha possessividade, não conseguiria ficar com um cara que, quando passa uma mulher, vira a cabeça como o periscópio de um submarino à procura do inimigo. Engoli dois comprimidos de ansiolítico para não entrar em pânico e não passar vergonha a bordo.

Fizemos uma conexão em Roma. Lá ficamos uma hora esperando e, depois, graças a Deus, pegamos um voo direto de apenas uma hora para a Sicília. A última vez que tinha estado na Itália, eu tinha 16 anos e, desde aquela experiência, não tinha a melhor das opiniões sobre as pessoas que moravam lá.

Os italianos eram barulhentos, insistentes e não falavam inglês. Para mim, no entanto, o inglês era como uma língua materna. Depois de tantos anos passados em redes hoteleiras, eu, às vezes, até pensava em inglês.

Quando aterrissamos, finalmente, no aeroporto de Catânia, o sol já estava se pondo. O cara do aluguel de carros realmente demorava demais para atender aos clientes, e ficamos na fila por uma hora. A irritação de um faminto Martin estava me afetando, então, decidi dar uma olhada nas redondezas, que não ofereciam muita coisa para ver. Saí do edifício climatizado e senti o calor paralisante. Ao longe, podia ver o Etna fumegando. Aquela visão me surpreendeu, apesar de eu saber que o vulcão estava ativo. Enquanto andava olhando para cima, não percebi que a calçada tinha terminado e, antes que eu me desse conta, um italiano enorme apareceu na minha frente e quase esbarrei nele. Fiquei a cinco centímetros das costas do homem, mas ele nem se mexeu, como se não tivesse notado que eu quase tinha aterrissado nas suas costas. Do edifício do aeroporto, saíam uns caras apressadamente, vestidos com ternos pretos, e parecia que esse homem os estava escoltando. Não esperei até que passassem, apenas me virei e voltei para a locadora, rezando para que o carro já estivesse pronto. Quando estava chegando ao prédio, três SUVs pretos passaram rapidamente ao meu lado, e o carro que estava no meio diminuiu a velocidade ao passar por mim, mas, por conta do vidro negro, não dava para ver em seu interior.

“Laura!”, escutei o grito de Martin, que tinha na mão a chave do carro. “Aonde é que você foi passear? Vamos!”

O Hilton Giardini Naxos nos deu as boas-vindas com um grande vaso em forma de cabeça, que continha enormes lilases brancos e cor-de-rosa. Seu perfume se espalhou pelo imponente hall ricamente ornamentado em dourado.

“Que chique, amor!” Virei-me para Martin com um sorriso. “Meio Luís XVI. Será que no quarto vai ter uma banheira vitoriana?”

Caímos todos na gargalhada, porque, provavelmente, nós quatro tivemos a mesma sensação. O hotel não era tão luxuoso como deveria ser um hotel da rede Hilton. Tinha muitas imperfeições que o meu olhar de especialista logo sacou.

“O importante é que tenha uma cama confortável, vodca e tranquilidade”, acrescentou Michał. “O resto não importa.”

“Ah é, esqueci que esta é mais uma viagem patológica, sinto-me injustiçada por não ser alcoólatra como vocês”, disse fazendo uma careta, fingindo estar azeda. “Estou com fome, a última vez que comi ainda estava em Varsóvia. Podemos nos apressar e ir jantar na cidade? Já estou sentindo o gosto da pizza e do vinho na boca.”

“Quem falou foi a não alcoólatra, viciada em vinho e champanhe”, disse Martin em tom mordaz, me dando um abraço.

Com todos igualmente tomados pela fome intensa, desfizemos as malas excepcionalmente rápido e apenas quinze minutos depois já estávamos todos juntos no corredor entre nossos quartos.

Infelizmente, tendo tão pouco tempo, não podia me arrumar de maneira adequada para sair, mas enquanto ia até o quarto, já vasculhava em minha mente o conteúdo da minha

mala. Meus pensamentos giravam em torno das coisas menos amassadas depois da viagem. Acabei escolhendo um vestido comprido preto com uma cruz de metal nas costas, chinelos pretos, uma bolsa de couro desta mesma cor, com franjas, um relógio de ouro e grandes argolas douradas. Na pressa, delineei os olhos com lápis, passei um pouco de rímel, complementando o que tinha sobrado depois da viagem, e passei um pouco de pó no rosto. Já saindo, peguei um brilho labial dourado e passei nos lábios sem olhar no espelho.

Karolina e Michał me olharam espantados no corredor. Eles estavam exatamente com as mesmas roupas com que viajaram.

“Laura, me diga uma coisa, como é possível que você tenha tido tempo para trocar de roupa, se maquiar e parecer como se tivesse passado o dia todo se arrumando para sair?”, sussurrou Karolina no caminho para o elevador.

“Ué...”, encolhi os ombros, “vocês têm talento para beber vodca e eu sou capaz de me vestir mentalmente o dia todo, para que eu consiga me arrumar nos quinze minutos que tiver”.

“Ok, deixem de sacanagem e vamos encher a cara”, reclamou Martin com firmeza.

Fomos os quatro pelo lobby do hotel rumo à saída.

Giardini Naxos era linda e pitoresca à noite. As ruazinhas estreitas vibravam com vivacidade e música, havia gente jovem e mães com crianças. Somente à noite a Sicília começava a viver, porque durante o dia o calor era infernal. Chegamos ao porto, a parte da cidade que ficava mais cheia de pessoas

àquela hora. Ao longo do calçadão, enfileiravam-se dezenas de restaurantes, bares e cafés.

“Daqui a pouco vou morrer de fome, vou cair no chão e não levanto mais”, disse Karolina.

“O que está acabando comigo é a falta de álcool no sangue. Olhem só aquele lugar, vai ser ideal para nós.” Michał apontou para um restaurante na praia.

Tortuga era um restaurante elegante, com poltronas e sofás brancos e mesas de vidro. Por toda a parte, havia velas acesas e o teto era enorme, com toldos feitos de lona para velas de embarcações, que ondulavam ao vento e davam a sensação de que todo o restaurante se elevava no ar. Os compartimentos onde as mesas eram colocadas separavam-se uns dos outros por vigas de madeira espessas às quais foi fixada a estrutura da cobertura removível de lona. Um lugar leve, arejado e mágico. Apesar do preço bastante alto, fervilhava de animação. Martin acenou para o garçom e, logo depois, graças a alguns euros, sentamo-nos confortavelmente nos sofás, virando as páginas do cardápio. Eu e o meu vestido não nos confundíamos no ambiente. Eu tinha a impressão de que todos estavam olhando exclusivamente para mim, pois, no meio de todo aquele branco, eu estava brilhando como uma lâmpada negra.

“Sinto que estou sendo observada, mas quem poderia adivinhar que iríamos jantar numa jarra de leite?”, sussurrei para Martin, com um sorriso tolo e com ar de pedido de desculpas.

Ele olhou em volta cuidadosamente, inclinou-se para mim e cochichou:

“Você tem mania de perseguição, pequena, além disso, você está deslumbrante, então, deixe que olhem.”

Dei mais uma olhada e, aparentemente, ninguém estava prestando atenção em mim, contudo eu sentia como se alguém estivesse me observando. Afastei de mim mais aquela doença psíquica herdada da minha mãe, achei no cardápio o meu polvo grelhado favorito, acrescentei um vinho prosecco e já estava pronta para fazer meu pedido. O garçom, apesar de ser siciliano, era também italiano, o que significava que não deveríamos esperar que fosse um ás da velocidade, então esperamos um pouco até que ele decidisse vir até nós para que pudéssemos fazer o pedido.

“Preciso ir ao toalete”, informei, olhando para os lados.

No canto, ao lado de um lindo bar de madeira, encontrava-se uma pequena porta, então fui em sua direção. Passei pela porta, mas infelizmente atrás dela havia apenas uma pia. Dei a volta para retornar e então esbarrei com ímpeto num sujeito em pé à minha frente. Gemi quando a minha cabeça foi ao encontro do rígido torso masculino. Curvada, massageando minha testa, olhei para cima. Diante de mim estava um italiano alto e bonito. Eu já não o tinha visto antes? Seu olhar gélido me atravessou completamente. Eu não conseguia me mover enquanto ele me olhava daquele jeito, com seus olhos quase negros. Havia alguma coisa nele que me assustava tanto que, por um segundo, me senti enraizada na terra.

“Parece que você está perdida”, disse num inglês lindo e fluente, com sotaque britânico. “Se me disser o que está procurando, posso lhe ajudar.”

Ele sorriu para mim com seus dentes brancos e alinhados, pôs a mão entre minhas escápulas, tocando a minha pele nua, e me levou até a porta pela qual eu tinha chegado ali. Quando senti seu toque, meu corpo estremeceu e não foi fácil sair do lugar. Fiquei tão atordoada que, mesmo tentando muito, não consegui falar nem uma palavra em inglês. Eu apenas sorri, ou melhor, fiz uma careta, e fui rapidamente em direção a Martin, uma vez que, por causa daquelas emoções, tinha me esquecido completamente do porquê de eu ter me levantado do sofá. Quando cheguei à mesa, meus acompanhantes estavam se entupindo de álcool. Tinham bebido a primeira rodada e já tinham pedido a segunda. Caí no sofá, peguei a taça de prosecco e esvaziei-a de um só gole. Enquanto isso, sem tirar a taça da boca, sinalizei claramente para o garçom que precisava de mais.

Martin me olhou divertido.

“Pinguça! E depois sou eu que tenho problemas com álcool.”

“Hoje, excepcionalmente, me deu vontade de beber”, respondi, já um pouco tonta por ter bebido rápido.

“Parece que o toalete tem algum feitiço, já que a visita lá mexeu com você, meu tesouro.”

Após ouvir essas palavras, olhei ao redor nervosa, procurando o italiano, fazendo com que os meus joelhos tremessem como quando dirigi uma moto pela primeira vez, depois de ter tirado a carteira de motorista da categoria A. Seria fácil encontrá-lo em meio a todo aquele branco, já que estava vestido como eu, em nada combinando com o ambiente. Calça social preta e larga, camisa preta, de dentro da qual saía

um terço de madeira, e mocassins sem cadarço da mesma cor. Apesar de eu tê-lo visto apenas por um momento, lembrava-me perfeitamente do que vi.

“Laura!”, a voz de Michał me arrancou da minha busca. “Não fique aí apreciando todo mundo, apenas beba”.

Nem tinha percebido que outras taças de espumante tinham aparecido na mesa. Decidi tomar aquele líquido cor-de-rosa devagar, aos goles, se bem que o meu desejo era derramar dentro de mim tantas taças quantas necessárias, enquanto minhas pernas não parassem de tremer. A comida nos foi servida, e nós a atacamos com gula. O polvo estava perfeito; o acompanhamento era apenas de sabor adocicado. Martin comeu uma lula gigante habilmente cortada e servida no prato, acompanhada de alho e coentro.

“Cacete!”, gritou Martin, pulando do sofá branco. “Vocês sabem que horas são? Já passou da meia-noite. E aí, Laura? Parabéns pra você, nesta data querida...”. Os outros dois, Michał e Karolina, também se levantaram dos lugares e começaram a cantar “parabéns pra você” alto e com alegria, bem ao estilo polonês. Os clientes do restaurante olhavam para eles com curiosidade e depois juntaram-se ao coro, cantando em italiano. Estrondosos aplausos se espalharam pelo ambiente, e eu tinha vontade de me enterrar num buraco no chão. Essa era uma das músicas que eu mais detestava. Acho que não existe ninguém que goste dela, provavelmente porque ninguém sabe bem o que fazer na hora: cantar, bater palmas, sorrir para todo mundo? Qualquer solução é ruim e toda vez o aniversariante fica parecendo um completo idiota. Levantei-me do sofá com um sorriso falso e alcoolizado e

acenei para todos, fazendo uma mesura e agradecendo os votos.

“Você tinha que fazer isso, né?”, grunhi, falando diretamente para Martin. “Lembrar que estou velha não é nada gentil. Além disso, precisava que essa gente toda participasse?”

“Pois é, meu amor, a verdade dói. Mas para compensar e começar a festança de hoje, encomendei sua bebida favorita.” Quando parou de falar, o garçom apareceu segurando um balde com champanhe Moët & Chandon Rosé e quatro taças.

“Adoro!”, gritei, dando pulinhos no sofá e batendo palmas como uma menininha.

Minha alegria não passou despercebida pelo garçom, que deixou na mesa um balde com a garrafa pela metade.

“E então, saúde!”, disse Karolina, levantando a sua taça. “Que você encontre o que procura, que tenha o que deseja e que esteja aonde sonha estar. Cem anos de vida!”

Batemos nossas taças e entornamos a bebida até o fim. Depois que a garrafa ficou vazia, eu realmente precisava ir ao toalete – dessa vez decidi localizá-lo com a ajuda do pessoal do restaurante. O garçom me mostrou em que direção deveria ir. Depois da meia-noite, o restaurante se transformou numa casa noturna e a iluminação colorida mudou completamente a característica do lugar. O interior branco, elegante e quase estéril explodiu em cores. De repente, o branco adquiriu um sentido completamente diferente. A falta de cores fazia com que a luz pudesse propiciar ao salão todos os tons. Fui me embrenhando na multidão em direção ao toalete, quando pela segunda vez fui tomada pela estranha sensação de que estava

sendo observada. Parei e examinei o ambiente à minha volta. O cara vestido de preto estava num estrado, encostado na viga de um dos compartimentos, e mais uma vez me paralisou com o olhar. Calmamente e sem emoção, avaliou-me do calcanhar até o topo da cabeça. Parecia um típico italiano, embora fosse o homem menos típico que eu já tinha visto na vida. Os cabelos negros caíam-lhe revoltos na testa, a barba bem cuidada, que parecia não ter sido feita havia alguns dias, adornava seu rosto, seus lábios eram grossos e a boca bem delineada – como se tivessem sido criados para dar prazer a uma mulher. O olhar era frio e penetrante, como uma fera que se prepara para o ataque. Foi só quando o vi de longe que percebi que ele era bastante alto. Ele era muito mais alto que as mulheres que estavam por perto, então devia ter 1,90 m. Nem sei por quanto tempo nos olhamos; eu tinha a impressão de que o tempo tinha parado. Um homem que esbarrou no meu ombro ao passar por mim me tirou do estupor. Como eu estava rígida como uma tábua por causa daquela contemplação, acabei me desequilibrando e caí no chão.

“Está tudo bem?”, perguntou o Homem de Negro, que apareceu ao meu lado como um fantasma. “Se eu não tivesse visto que, dessa vez, não tinha sido você que esbarrou nele, eu pensaria que cair em cima de homens desconhecidos é a sua maneira de chamar a atenção.”

Ele me pegou firme pelo cotovelo e me levantou. Era surpreendentemente forte, fez aquilo com tal facilidade que parecia que eu não pesava nada. Dessa vez eu me recompus e o álcool me queimando no sangue me deu coragem.

“E você? Sempre faz papel de parede ou de guindaste?”, respondi com raiva, me esforçando para lhe mostrar o mais

insensível dos olhares que eu pudesse lançar.

Ele se afastou e, ainda sem tirar de mim os olhos, me examinou de cima a baixo, como se não conseguisse acreditar que eu era de verdade.

“Você tem olhado para mim a noite toda, certo?”, perguntei irritada. “Costumo ter mania de perseguição, mas o pressentimento nunca me engana.”

O homem sorriu como se eu estivesse zombando dele.

“Eu estou olhando para o clube”, respondeu. “Eu controlo o staff, garanto a satisfação dos clientes, procuro as mulheres que precisam de uma parede ou de um guindaste.”

A resposta dele me divertiu e confundiu ao mesmo tempo.

“Então eu agradeço por ter sido um guindaste e desejo uma ótima noite.” Joguei-lhe um olhar insolente e fui direto para o toalete. Quando ele ficou para trás, respirei aliviada. Pelo menos dessa vez eu não tinha parecido uma completa cretina e pude dar uma resposta.

“Até logo, Laura”, escutei atrás de mim.

Quando virei, atrás de mim havia apenas uma multidão se divertindo, o Homem de Negro havia sumido.

Como ele sabia o meu nome? Será que estava escutando nossas conversas? Ele não poderia estar tão perto. Eu o teria visto, eu o teria pressentido.

Karolina me pegou pela mão.

“Vamos, porque você vai demorar a vida inteira para entrar nesse toalete e a gente vai ficar aqui para sempre.”

Quando voltamos para a mesa, no tampo de vidro havia outra garrafa de Moët.

“Não acredito, amor! Estou vendo que esse aniversário é um luxo só!”, falei rindo.

“Pensei que você tinha pedido”, disse Martin admirado. “Eu já paguei a conta e queríamos ir embora.”

Fiquei olhando ao redor no clube. Eu sabia que a garrafa não estava ali por acaso, e que ele ainda estava observando.

“Deve ser um presente do restaurante. Depois daquele coral cantando parabéns daquele jeito, acho que não poderiam agir de outra forma”, Karolina começou a rir. “Mas já que está aqui, vamos beber.”

Até o final da garrafa, eu estava bem agitada no sofá, imaginando quem seria aquele homem vestido de negro, por que ele olhava para mim daquele jeito e como ficou sabendo o meu nome.

Passamos o restante da noite peregrinando de clube em clube. Voltamos ao hotel quando já estava amanhecendo.

Acordei com uma dor de cabeça monstruosa. Claro... o Moët. Adoro champanhe, mas o porre depois dele me arrebenta o crânio. Quem às vezes não bebe demais? Com o que ainda tinha de força, consegui sair da cama e cheguei ao banheiro. Procurei na bolsinha de cosméticos os analgésicos; tomei três e voltei para baixo do edredom. Quando acordei subitamente algumas horas mais tarde, Martin não estava ao meu lado, a dor de cabeça havia passado e, pela janela aberta, entrava o barulho da algazarra de gente se divertindo na piscina. *Estou de férias, então preciso me levantar e me bronzear.* Levada por esse pensamento, tomei uma ducha rápida, vesti meu biquíni e depois de meia hora estava pronta para tomar sol.

Michał e Karolina bebericavam uma garrafa de vinho gelado, deitados perto da piscina.

“Remédio”, disse Michał, estendendo uma taça de plástico para mim. “Desculpe, é de plástico, mas você sabe como é o regulamento.”

O vinho estava delicioso, gelado, a taça, suada, então entornei tudo de uma vez.

“Vocês viram o Martin? Acordei e ele não estava no quarto.”

“Ele está trabalhando no lobby do hotel. No quarto, a internet estava muito ruim”, esclareceu Karolina.

É claro – o computador é o melhor amigo e o trabalho, a melhor amante, pensei, deitando-me na espreguiçadeira. Passei o restante do dia sem Martin, na companhia daqueles noivos que ficavam o tempo todo se amassando. De tempos em tempos, Michał interrompia o prelúdio amoroso para exclamar: “Mas que peitinhos aquela ali tem!”.

“Quem sabe possamos almoçar juntos?”, perguntou Michał. “Vou atrás do Martin. Que férias são essas se ele continua sentado com os olhos fixos no computador?!”

Levantou-se da espreguiçadeira, vestiu uma camiseta e foi até a entrada do hotel.

“Às vezes fico de saco cheio disso”, falei para Karolina, que me olhava com os olhos bem arregalados. “Nunca vou ser o mais importante. O trabalho é mais importante que os amigos, que os prazeres. Tenho a impressão de que ele está comigo porque não tem nada melhor para fazer, e assim é bem confortável para ele. É um pouco que nem ter um cachorro – quando você quer, faz um carinho nele, quando tem vontade,

brinca com ele, mas quando não está a fim da companhia dele, simplesmente o enxota, porque afinal é ele que pertence a você e não você a ele. Martin fala com mais frequência com os amigos dele no Facebook do que comigo em casa, isso sem falar da cama.”

Karolina se virou e se apoiou nos cotovelos.

“Mas, Laura, você sabe que é assim mesmo nos relacionamentos: com o tempo, o desejo desaparece.”

“Mas não depois de um ano e meio... ih!, menos ainda que um ano e meio! Será que eu sou corcunda? Será que tem alguma coisa errada comigo? O que é que está acontecendo que ele não quer mais trepar comigo?”

Karolina deu um pulo da espreguiçadeira e pegou a minha mão.

“Acho que a gente deveria é beber, porque você não vai mesmo mudar isso se preocupando. Veja onde estamos! Aqui é divino, e você é magra e linda. Lembre-se: se não for esse, vai ser outro. Venha.”

Vesti uma túnica florida, fiz um turbante com um lenço, cobri meus olhos com meus sedutores óculos Ralph Lauren e fui atrás de Karolina até o bar no lobby. Minha companheira foi ao quarto deixar a bolsa e se informar sobre o almoço, já que não tínhamos encontrado nossos parceiros no lobby. Aproximei-me do bar e acenei para o garçom. Pedi-lhe que me desse duas taças de prosecco gelado. Ah, sim, era disso, com certeza, que eu precisava.

“Só isso?”, escutei uma voz masculina atrás de mim. “Eu pensei que o seu paladar só aceitava o Moët.”

Me virei e fiquei paralisada. Ele estava de novo diante de mim. Agora não poderia dizer que ele era o Homem de Negro. Estava vestindo calça de linho em cor off-white e uma camisa clara aberta, que combinava perfeitamente com sua pele bronzeada. Tirou os óculos e, outra vez, me atravessou com seu olhar gélido. Dirigiu-se em italiano ao garçom, que, desde que ele tinha chegado, passou a me ignorar solenemente, esperando de prontidão o pedido do meu perseguidor. Escondida atrás dos meus óculos escuros, eu estava excepcionalmente corajosa naquele dia, excepcionalmente irada e excepcionalmente de porre.

“Por que será que eu tenho a impressão de que você está me seguindo?”, falei, cruzando os braços. Com a mão direita, ele lentamente tirou meus óculos para olhar nos meus olhos. Senti como se alguém tivesse tirado de mim o escudo que me protegia.

“Não é uma sensação”, ele disse, olhando-me profundamente nos olhos. “Isso não é por acaso. Desejo tudo de melhor no seu aniversário de 29 anos, Laura. Espero que o próximo ano seja o melhor da sua vida”, sussurrou e me beijou o rosto com suavidade.

Fiquei tão confusa que não conseguia pronunciar sequer uma palavra. Como ele sabia quantos anos eu tinha? E por que raios tinha conseguido me achar do outro lado da cidade? A voz do barman me tirou da enxurrada de pensamentos; virei-me para o lado. Tinha colocado à minha frente uma garrafa do rosado Moët e um pequeno cupcake cor-de-rosa, no alto do qual estava espetada uma velinha acesa.

“Caramba!”, virei-me para o Homem de Negro, que tinha se dissipado no ar.

“Nossa, que beleza!”, disse Karolina se aproximando do bar. “Era para ser uma taça de prosecco e acabou sendo uma garrafa de champanhe.”

Encolhi os ombros e examinei nervosamente o hall em busca do Homem de Negro, mas ele deve ter afundado no chão. Tirei meu cartão de crédito da carteira e entreguei ao barman. Num inglês sofrido, ele se recusou a aceitar o pagamento, afirmando que a conta já tinha sido paga. Karolina deu-lhe um sorriso radiante, agarrou o balde com a garrafa e dirigiu-se para a piscina. Eu apaguei a vela que ainda estava acesa no cupcake e fui atrás dela. Eu estava irritada, desorientada e intrigada. Na minha cabeça, desenrolavam-se diversos cenários descrevendo quem poderia ser aquele homem misterioso. A primeira coisa era a teoria de que ele era um desses assediadores pervertidos. No entanto, essa teoria não combinava muito com a imagem do encantador italiano, que prefere fugir das mulheres que o admiram em vez de segui-las. Considerando os sapatos e as roupas de grife que usava nas duas vezes que o vi, não era pobre. E ele tinha mencionado algo sobre verificar a satisfação dos clientes no restaurante. Então, outra teoria natural era a de que ele fosse o gerente do restaurante onde estávamos. Mas o que ele estava fazendo no hotel? Balancei a cabeça, como se quisesse chacoalhar para fora o excesso de pensamentos, e estiquei o braço para pegar a taça. *Não quero nem saber!*, pensei, bebendo um gole. *Com certeza isso foi uma absoluta coincidência, e eu só estou pensando besteiras.*

Quando esvaziamos a garrafa, nossos cavalheiros apareceram. Estavam esfuziantes.

“E então, vamos almoçar?”, perguntou Martin com satisfação.

O champanhe me esquentou a cabeça, o de agora e o da noite anterior. Fiquei furiosa por causa da falta de atenção dele comigo e explodi:

“Martin, mas que merda! Hoje é meu aniversário e você desapareceu o dia inteiro, não quer nem saber o que eu estou fazendo, como estou me sentindo, e agora aparece e do nada e vem perguntando pelo almoço? Pra mim já chega. Estou farta desse negócio de que tudo sempre tem que ser como você quer, que é sempre você que diz como vai ser, e que eu nunca sou o mais importante em qualquer circunstância. E o almoço foi há horas, agora está mais para hora do jantar!”

Peguei minha túnica, a bolsa e praticamente corri para a porta do hall do hotel. Atravessei-o e me vi na rua. Senti como se em meus olhos uma torrente de águas estivesse se formando e estava prestes a explodir. Coloquei meus óculos e segui em frente.

As ruas de Giardini eram pitorescas. Ao longo da calçada cresciam árvores cobertas de flores, as construções eram bonitas e bem cuidadas. Infelizmente, não pude desfrutar a beleza da cidade naquele estado de espírito em que estava. Sentia-me só. Em certo momento, percebi que as lágrimas corriam pelo meu rosto e eu estava prestes a soluçar, como se quisesse fugir de alguma coisa.

O sol estava ficando com um tom alaranjado, e eu ainda estava caminhando. Depois que passou meu primeiro ataque de fúria, senti que minhas pernas estavam doendo um pouco. Os meus tênis tipo coturno, embora fossem lindos, não

serviam para maratonas. Vi na rua um pequeno café, tipicamente italiano, que me pareceu um lugar ideal para um descanso, já que uma das opções no cardápio era um vinho espumante. Sentei-me do lado de fora, olhando para a calma superfície do mar. Uma senhora de idade me trouxe a bebida pedida numa taça e me disse algo em italiano, examinando a palma da minha mão. Meu Deus! Mesmo sem entender nenhuma palavra, compreendi que ela falava sobre como os homens podem ser terríveis e como não vale a pena chorar. Fiquei sentada lá, com o olhar fixo no mar, até que escureceu. Não conseguia me levantar da cadeira depois do tanto de álcool que havia ingerido, mas, enquanto estava lá, comi uma pizza quatro queijos ótima, que acabou sendo um remédio melhor para a tristeza do que o vinho espumante, e o tiramisù feito por aquela senhora era melhor que o melhor dos champanhes.

Senti-me preparada para voltar e enfrentar o que tinha deixado para trás ao fugir. Fui calmamente em direção ao hotel. As ruas pelas quais eu andava estavam praticamente vazias, já que ficavam distantes do principal calçadão que ladeava o mar. Num certo momento, passaram por mim dois SUVs. Me dei conta do fato de que já tinha visto carros semelhantes quando estava esperando em frente à locadora de carros no aeroporto.

A noite estava quente, eu estava bêbada, o dia do meu aniversário tinha acabado e, em geral, nada estava como deveria ser. Virei quando a calçada acabou, e percebi que não sabia onde estava. Que merda! Eu e o meu senso de direção. Olhei à minha volta e tudo o que vi foram as luzes ofuscantes dos carros que se aproximavam.

Capítulo 2

Quando abri os olhos, já era noite. Olhei ao redor do quarto e percebi que não tinha a menor ideia de onde estava. Eu estava deitada numa cama enorme iluminada apenas por uma claraboia. Minha cabeça estava doendo e eu queria vomitar. *Que merda aconteceu, onde estou?* Tentei me levantar, mas estava completamente impotente, como se eu pesasse uma tonelada e nem minha cabeça quisesse sair do travesseiro. Fechei os olhos e voltei a dormir.

Quando despertei de novo, ainda estava escuro. Não sei quanto tempo dormi. Será que já era a noite seguinte? Não havia um relógio, e eu estava sem a bolsa e o telefone. Dessa vez consegui me levantar e me sentar na beira da cama. Esperei um pouco para que minha cabeça parasse de girar. Percebi o abajur junto à cama. Quando sua luz inundou o quarto, dei-me conta de que aquele lugar em que estava era, provavelmente, bastante antigo e completamente desconhecido para mim.

As esquadrias da janela eram enormes e ricamente ornamentadas, em frente à robusta cama de madeira havia uma enorme lareira de pedra – parecida, eu só tinha visto em filmes. No teto, havia vigas antigas, que combinavam

perfeitamente com a cor das esquadrias das janelas. O quarto era aquecido, elegante e muito italiano. Fui à janela e saí por um instante pela porta da sacada, que tinha vista para um jardim de tirar o fôlego.

“Que bom que acordou.”

Ao ouvir tais palavras, congelei de susto e meu coração pulou para a garganta. Virei-me e deparei-me com um jovem italiano. O seu sotaque, ao falar em inglês, era inegável. Além disso, sua aparência me confirmou definitivamente essa convicção. Não era muito alto, assim como 70% dos italianos que vi. Tinha cabelos longos e escuros que lhe caíam pelos ombros, traços delicados e lábios grandes. Pode-se dizer que era um rapaz lindo. Apesar de estar vestido perfeita e impecavelmente com um terno elegante, ainda assim parecia um adolescente. Evidentemente, praticava exercícios físicos, e não pouco, porque seus ombros alargavam sua silhueta de maneira desproporcional.

“Onde estou e por que estou aqui?!”, perguntei com raiva enquanto ia na direção dele.

“Por favor, depois que a senhora se reanimar, virei buscá-la, e aí a senhora vai saber de tudo”, disse e sumiu, fechando a porta atrás de si. Ficou parecendo que ele tinha fugido de mim bem quando eu estava apavorada com a situação.

Tentei abrir a porta, mas ou estava emperrada ou o rapaz tinha uma chave e a usou. Xinguei baixinho. Estava me sentido perdida.

Ao lado da lareira havia outra porta. Acendi a luz e diante dos meus olhos surgiu um banheiro sensacional. No meio, havia uma banheira enorme, num dos cantos estava a

penteadeira e, a seu lado, a pia com espelho. No outro lado, vi a ducha, sob a qual caberia, com facilidade, um time de futebol. Não tinha aquela base costumeira dos boxes poloneses nem paredes, somente blindex, e o piso era de mosaicos pequeninos. O banheiro era do tamanho do apartamento inteiro do Martin, no qual morávamos juntos. Martin... provavelmente está preocupado. Ou talvez não, talvez esteja feliz que não haja mais ninguém atrapalhando-o com sua presença. De novo fui tomada pela fúria, dessa vez junto com o medo que havia surgido por conta da situação em que me encontrava.

Fiquei de pé diante do espelho. Estava com uma aparência extremamente boa, bronzeada e bem descansada, já que as olheiras que eu tinha sob os olhos nos últimos tempos desapareceram. Ainda estava vestida com a túnica preta e o biquíni que usava no meu aniversário quando saí do hotel. Como poderia me arrumar sem as minhas coisas? Tirei a roupa e tomei uma ducha, peguei do cabide um roupão grosso e achei que já estava revigorada.

Enquanto andava pelo quarto no qual havia despertado, procurando alguma indicação de onde eu me encontrava, a porta se abriu. Lá estava de novo o jovem italiano, que me mostrava o caminho com um gesto vigoroso. Seguimos por um longo corredor decorado com vasos de flores. A casa estava mergulhada na penumbra, iluminada apenas por lampiões, cuja luz brilhava através das inúmeras janelas. Perambulamos por um labirinto de corredores, até que o homem se aproximou de uma porta e a abriu. Quando passei pela porta, ele me trancou lá dentro e não entrou comigo. O cômodo era talvez uma biblioteca, as paredes estavam cobertas de estantes

com livros e quadros em pesadas molduras de madeira. No centro, havia uma lareira espetacular acesa e, em volta dela, estavam dispostos sofás macios cinza-esverdeados, com muitas almofadas com tons de dourado. Diante de uma das poltronas, havia uma mesinha, na qual vi um balde com champanhe. Estremeci toda ao vê-lo; depois daquelas minhas últimas loucuras alcoólicas, não era daquilo que precisava.

“Sente-se, por favor. Você reagiu mal ao sonífero. Eu não sabia que você tinha problemas cardíacos.” Ouvei a voz máscula e vi o homem de pé no balcão atrás de mim.

Não conseguia nem me mexer.

“Laura, sente-se na poltrona. Da próxima vez não vou pedir, vou fazer você sentar na marra.”

Minha cabeça zumbia, eu estava ouvindo os batimentos do meu coração e parecia que logo, logo eu desmaiaria. Minha visão escureceu.

“Que merda! Por que você não me ouve?”

O homem do balcão veio em minha direção e, antes que eu deslizesse para o chão, ele me agarrou pelos braços. Pisquei os olhos, tentando focalizar. Senti quando ele me pôs na poltrona e colocou um cubo de gelo em minha boca.

“Chupe. Você dormiu durante quase dois dias, o médico lhe deu soro intravenoso para que você não desidratasse, mas talvez queira beber algo e você tem o direito de não estar se sentindo bem.”

Eu conhecia aquela voz e, antes de tudo, aquele sotaque característico.

Abri os olhos e então me deparei com aquele olhar frio e animal. Diante de mim estava ajoelhado o homem que vi no

restaurante, no hotel e... ai, meu Deus, no aeroporto. Estava vestido daquele mesmo jeito de quando eu tinha aterrissado na Sicília e dei de encontro com as costas daquele enorme guarda-costas. Ele usava um terno preto e uma camisa preta desabotoada no pescoço. Estava elegante e tinha um ar altivo. Cuspi com raiva o cubo de gelo em seu rosto e disse:

“Merda! O que é que eu te fiz? Quem é você e com que direito me mantém aqui?”

Ele enxugou do rosto o resíduo de água, pegou do grosso tapete o cubo transparente e o jogou no fogo da lareira.

“Me responda, cacete!”, gritei no auge da fúria, esquecendo-me por um momento de como estava me sentindo mal. Quando tentei me levantar da poltrona, ele me segurou com força pelos ombros e me jogou de volta no lugar onde eu estava sentada.

“Eu disse para ficar sentada, não suporto desobediência e não vou tolerar”, ele rosnou, inclinando-se em direção a mim e apoiando-se nos braços da poltrona.

Tomada pela fúria, levantei a mão e dei um tapa na cara daquele homem. Seus olhos faiscavam com uma raiva selvagem e eu quase afundei de medo no assento. Ele se levantou, endireitou-se e inalou sonoramente. Fiquei tão assustada com o que havia feito que decidi não testar qual era o limite da sua tolerância. Ele foi em direção à lareira, parou diante dela e se apoiou com as mãos na parede acima da fornalha. Os segundos passavam e ele se mantinha em silêncio. Se não fosse pelo fato de eu me sentir sua prisioneira, eu agora provavelmente sentiria remorso e as minhas desculpas não

teriam fim, mas, naquela situação, eu não conseguia sentir além de raiva.

“Laura, você é tão desobediente que eu até duvido de que não seja italiana.”

Ele se virou para mim e seus olhos continuavam a faiscar. Decidi não responder, com a esperança de saber o que eu estava fazendo ali e quanto tempo aquilo ia durar.

De repente, a porta se abriu e aquele mesmo jovem italiano que me havia conduzido até ali entrou.

“*Don Massimo...*”, disse.

O Homem de Negro foi em sua direção com um olhar repreensivo e o homem, de repente, parecia estar paralisado. Foi até ele e ficou de tal forma que o rosto deles quase se tocavam. Ele realmente tinha que se inclinar, já que entre ele e o jovem italiano havia uma diferença de mais de dez centímetros, talvez mais de vinte.

A conversa se deu em italiano, tranquila, e o homem que me prendia ali ficou escutando. Respondeu com apenas uma frase e o jovem italiano sumiu, fechando a porta. O Homem de Negro ficou andando pelo quarto e depois foi para a sacada. Apoiou-se com as duas mãos na balaustrada e começou a sussurrar alguma coisa repetidamente.

Don... Pensei que era assim que no filme *O poderoso chefão* as pessoas se referiam a Marlon Brando, que interpretava o chefe de uma família de mafiosos. De repente, tudo começou a se encaixar: os seguranças, os carros com vidros escuros, aquela casa e a aversão a ser contrariado. Eu pensava que a *cosa nostra* era uma invenção de Francis Ford Coppola, e agora

eu me encontrava bem no meio de uma história muito siciliana.

“Massimo...?”, eu disse baixinho. “Será que posso me dirigir a você assim ou tenho de dizer *Don*?”

O homem se virou e veio com passos decididos até mim. A enxurrada de pensamentos na minha cabeça fez com que me faltasse o ar. O medo inundava o meu corpo.

“Você acha que agora está entendendo tudo?”, perguntou, sentando-se no sofá.

“Acho que agora sei o seu nome.”

Ele sorriu de leve, como se tivesse relaxado.

“Percebo que você espera alguns esclarecimentos. Mas não sei como vai reagir quando eu os disser, então é melhor beber algo.”

Ele se levantou e encheu duas taças de champanhe. Pegou uma delas e me deu, bebeu um gole da segunda e sentou-se de novo no sofá.

“Alguns anos atrás – digamos assim, que foi um acidente –, levei alguns tiros. Isso é parte do risco decorrente por pertencer à família na qual vim ao mundo. Quando estava internado, morrendo, eu vi...”, nesse momento, ele parou e se levantou. Aproximou-se da lareira, deixou ali a taça e suspirou profundamente. “Isto que vou contar a você vai parecer tão incrível que, até o dia em que a vi no aeroporto, eu não acreditava que poderia ser verdade. Olhe para o quadro ali no alto, pendurado acima da lareira.”

Meus olhos viajaram pelo local que ele me indicava. Paralisei. O retrato mostrava uma mulher que tinha exatamente o meu rosto. Peguei a taça e entornei o champanhe

*image
not
available*

aquilo, congelei de medo, mas Massimo parecia não ter dado a mínima atenção ao fato, e não tirou os olhos de mim. Ele me segurava pelos punhos com cada vez mais força. Por fim, parei de lutar com ele e me deitei, impotente e aos prantos, e ele me lançava seu olhar imperturbável. Olhou para baixo, para o meu corpo meio nu; o roupão que o cobria tinha subido bastante. Vendo isso, ele sugou o ar num ruído sibilante e mordeu o lábio inferior. Ele aproximou sua boca da minha, até que eu parei de respirar – parecia que ele estava me farejando e que dali a uns poucos instantes saberia qual era o meu gosto. Passou os lábios pelo meu rosto e sussurrou:

“Não vou fazer nada sem que você concorde e queira. Mesmo que me pareça que eu a tenho, vou esperar até que você me queira, me deseje e venha até mim por vontade própria. Isso não significa que não tenha vontade de entrar em você até o fundo e estancar o seu grito com a minha língua.”

Essas palavras, ditas assim tão baixinho e calmamente, me fizeram sentir calor.

“Fique quieta e me escute um momento; esta será uma noite difícil para mim, os últimos dias também não foram fáceis, e você não está facilitando minha tarefa. Não estou acostumado a ter de tolerar desobediência, não sei como ser gentil, mas não quero te machucar. Então, em um momento, ou vou amarrá-la a uma cadeira e amordaçá-la ou vou deixá-la sair e você educadamente acatará meus pedidos.”

Seu corpo estava pressionado contra o meu e eu podia sentir cada músculo daquele homem de corpo incrivelmente harmonioso. Ele subiu o joelho esquerdo que mantinha entre minhas pernas, porque não reagi às suas palavras. Gemi baixinho, suprimindo um grito quando ele se meteu entre

*image
not
available*

vão dormir e o que comem no café da manhã. Não tenho a intenção de tomar conta de você, porque sei que não vou poder fazer isso quando não estiver por aqui. Não quero te prender, amarrar ou te esconder. A única coisa que posso fazer é lhe dar um ultimato: você me dá um ano – e a sua família estará segura e protegida.”

Eu me sentei de frente para ele e fiquei pensando se conseguiria matá-lo. A pistola estava na mesa que havia entre nós, e eu queria fazer de tudo para proteger a minha família. Peguei a pistola e apontei para o Homem de Negro. Ele continuava sentado calmamente, mas seus olhos faiscavam de raiva.

“Laura, você está me deixando furioso e louco ao mesmo tempo. Largue a arma, porque daqui a pouco a situação vai deixar de ser divertida e eu vou te machucar.”

Quando ele acabou de falar, fechei os olhos e puxei o gatilho. Nada aconteceu. Massimo se jogou em cima de mim, tirou a arma de minha mão. Puxou-me pelo braço, me arrancou da poltrona e me jogou no sofá de onde tinha se levantado. Virou-me de bruços e, com a cordinha de uma das almofadas, amarrou minhas mãos. Quando terminou, me pôs sentada, ou melhor, me jogou sentada num assento macio.

“Primeiro, você precisa destravar a arma! É assim que você gosta de conversar? Está confortável? Você quer me matar, achando que é assim tão fácil? Você acha que ninguém nunca tentou isso antes?”

Quando parou de gritar, passou as mãos pelos cabelos, suspirou e olhou para mim com um olhar irado e frio.

“Domenico!”, gritou.

“Laura, respire.”

Esse sotaque, pensei. Eu sabia que os braços de Massimo estavam ao meu redor, os braços do homem que pouco antes havia tirado a vida de alguém. O Homem de Negro entrou no quarto e chutou a porta, fechando-a. Eu ainda lutava com a respiração que, apesar de estar cada vez mais regular, ainda não era suficientemente profunda para me dar o oxigênio de que precisava, quando senti que ele me colocou na cama.

Massimo abriu minha boca com uma das mãos e colocou um comprimido debaixo da língua.

“Calminha, pequena, é um remédio para o coração. O médico que cuida de você deixou aqui, para o caso de uma situação dessas.”

Depois de alguns instantes, minha respiração ficou mais regular, mais oxigênio chegou ao meu organismo e meu coração se acalmou, passou de um galope alucinado a um ritmo tranquilo. Afundei na cama e adormeci.